

A periferia é o centro

A periferia sempre teve papel fundamental nas transformações sociais. Foi assim com os chamados “bárbaros” na Antigüidade Greco-romana, e também com os africanos escravizados, cuja presença deixou marcas indeléveis sobre as sociedades formadas a partir do século XV, com a expansão ultramarina e a colonização europeia.

Podemos afirmar, entretanto, que o que acontece hoje nos países periféricos e nas periferias dos grandes centros urbanos em todo o mundo é um fenômeno sem precedentes. A periferia começa a tomar ciência de sua própria força; começa a resgatar sua identidade, sua cultura e a se organizar. A periferia está ocupando seu devido espaço - o centro. Já a elite - que sempre esteve no centro - desloca-se cada vez mais para uma minúscula ilha, que flutua cercada pelo poder da periferia por todos os lados.

O cinema brasileiro se reinventou a partir da década de 90 com a força da periferia. Filmes como *Central do Brasil*, *Cidade de Deus* e *Uma onda no ar*, dentre outros, demonstram essa força. Mas a periferia não se contém em apenas ser retratada pela lente dos grandes cineastas. No domingo 19 de março deste ano o programa de maior audiência da televisão na América Latina, o Fantástico, exibiu o documentário *Falcão - Meninos do Tráfico*, e ao menos dessa vez não foi a dita “opinião pública” (leia-se a elite) quem pautou a sociedade, mas a periferia quem pautou a “opinião pública”, invertendo um sentido que sempre foi o oposto.

Tive a oportunidade de acompanhar isso bem de perto. Estive presente em alguns dos lançamentos do livro *Falcão* com o MV Bill aqui em São Paulo, entre eles o que aconteceu no terraço da superbutique Daslu. Foi surreal ver a periferia entrar no antro de sofisti-



A periferia começa a tomar ciência de sua própria força; começa a resgatar sua identidade, sua cultura e a se organizar.

cação e luxo e dizer com todas as letras: “Ninguém nos morros tem avião, não tem navio para trazer as drogas [e as armas] do exterior. Para manter o tráfico é necessário o poder aquisitivo, mantido por pessoas que fazem compras aqui na Daslu, com vocês.”

Veja que ironia, que contradição, a elite me odeia e financia minha munição
MV Bill

Posso estar passando a impressão de que estou me referindo apenas a cinema, música e documentário, o que por si só já seriam grandes feitos. Mas quando me refiro ao centro não estou falando de um espaço físico e nem geográfico, muito menos meramente cultural. Refiro-me aos centros da produção intelectual, seja ela artística, científica, política, histórica ou filosófica.

Para demonstrar a intervenção do povo no poder político, basta lembrar as grandes passeatas do *Fora Collor!* Na ocasião a juventude “cara-pintada” tomou as ruas de todo o país. Apesar das

imensas manifestações populares, até hoje os céticos utilizam-se da teoria de que uma poderosa emissora de televisão foi quem teria colocado e também destituído o Collor do poder.

Sorte que a história é implacável. O tira-teima foi a reeleição de Luiz Inácio Lula da Silva, um metalúrgico que virou presidente, prova viva do poder da periferia. Esse mesmo brasileiro sofreu durante 18 meses de seu governo ataques diários da imprensa; outro presidente no seu lugar teria caído. Cabe aqui perguntar: se a grande mídia pode tudo, se elegeu e derubou o Collor, por que não conseguiu fazer o mesmo com Lula?

Dia 29 de setembro, às vésperas das eleições presidenciais, com um quadro que apontava para a reeleição de Lula já no primeiro turno, o delegado Edmilson Pereira Bruno fechou um acordo anti-Lula com veículos como a TV Globo e os jornais O Globo e Folha de São Paulo. Nessa noite foram divulgadas no Jornal Nacional fotos do dinheiro apreendido com duas pessoas ligadas ao PT. Essa mesma edição do telejornal chegou a omitir informações sobre o acidente aéreo que matou 154 pessoas após um Boeing da Gol se chocar com um jato executivo da Embraer. O segundo turno acabou sendo fabricado mesmo, não teve jeito, mas Lula foi reeleito com mais votos do que os que teve em 2002. Isso graças, como ressalta seu slogan de campanha, à “força do povo”.

Cabe aqui perguntar: se a grande mídia pode tudo, se elegeu e derrubou o Collor, por que não conseguiu fazer o mesmo com Lula?

Pode parecer muita presunção alguém da própria periferia ficar afirmando que ela pode mudar a história de uma Nação. Mas não estou sozinho ao dizer isso. Também o jornalista Franklin Martins percebe esse fenômeno e tenta contextualizá-lo. Para ele há *"Um nítido descolamento político entre os pobres e a classe média, o que é uma absoluta novidade no Brasil pós-ditadura militar. Durante os últimos 25 anos, pobres e remediados marcharam juntos eleitoralmente - a classe média na frente e os pobres atrás, é claro. Foi o período do chamado 'efeito pedra no lago'. Atirada a pedra, ou seja, ocorrido o fato político, produziam-se ondas concêntricas a partir dos formadores de opinião, que depois de algum tempo terminavam chegando às margens do lago, ou seja, à imensa maioria pobre da população. Prevalencia no país um comportamento político-eleitoral razoavelmente homogêneo, apesar das nuances de ritmo e de discurso..."*

O jornalista prossegue afirmando que *"As ondas provenientes do centro toparam como que em um dique, situado, grosso modo, nas proximidades da classe C. Não só não chegaram às margens do lago, como, bloqueadas, retornaram ao centro, afetando e confundindo os formadores de opinião tradicionais... Acostumados a décadas de 'efeito da pedra no lago', eles têm agora que se adaptar a uma nova situação, onde as margens também têm algo a dizer para o centro"*

Não estranhe se, ao investigar mais de perto esse "dique", você encontrar estudantes do PROUNI, pessoas que se beneficiaram do Bolsa-Família e outros milhares de brasileiros que pela primeira vez sentiram-se positivamente atingidos por medidas do Governo Federal. Esse mesmo fenômeno acontece não só no Brasil, mas também na Venezuela, com o confronto da imprensa com o presidente Hugo Chávez, e também na Bolívia, com o indígena Evo Morales ocupando a presidência.

As transformações sociais nunca se realizam graças à fraqueza dos fortes, mas sempre graças à força dos fracos
Karl Marx

O poder que temos é tão grande que Lula, quando esteve na Cidade de Deus, colocou um boné escrito "periferia". E falou que o primeiro movimento social com o qual se reuniu quando assumiu a Presidência da República foi o hip-hop.

Parte da própria periferia deve desacreditar e desconhecer tamanha força. Por isso conto aqui uma situação que serve para demonstrar o quanto as elites conhecem e temem a periferia.

Recebi numa tarde dessas, enquanto trabalhava, uma ligação do jornalista (sic) Larry Rother, do

New York Times. Ele queria fazer uma matéria sobre o ponto de cultura *Hip-Hop a Lápis*, por mim coordenado.

"Ah, tiuzão! Minha escola foi a rua." Não foi preciso dizer uma segunda frase para eu saber que o cara que provocou um incidente diplomático nas relações entre Brasil e EUA (com aquela matéria que dizia que o Lula "bebe") não queria fazer massagem, ainda mais na véspera das eleições presidenciais. Sem fazer muito exercício de imaginação dava até para prever que a manchete da matéria seria algo como: "Lula usa cultura para comprar os movimentos sociais."

Segundo pessoas como o Senador Aloísio Mercadante, o professor Jack Lule da Universidade

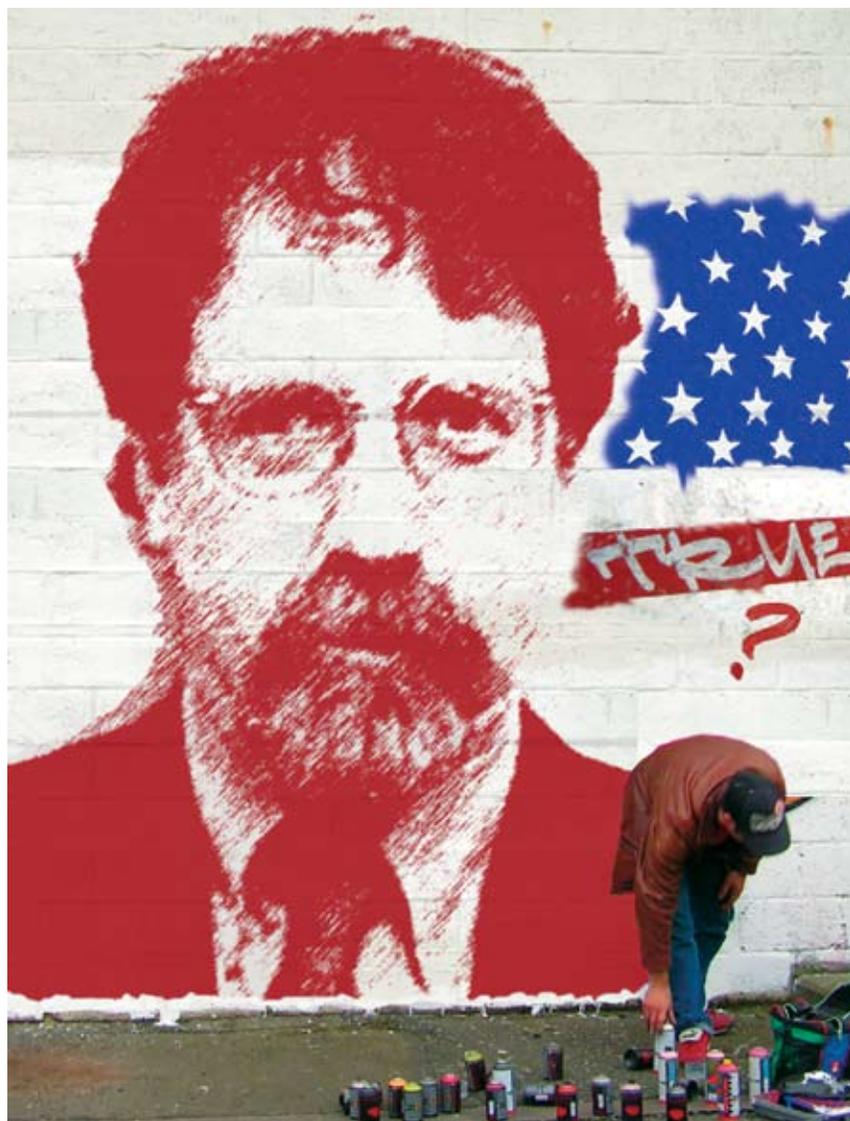


Foto-montagem/Cláudio Gonzalez



da Pensilvânia e o colunista de *O Globo* Carlos Alberto Teixeira, Larry Rother é agente da CIA. Existe uma estranha coerência no trabalho do repórter, seja no Brasil, seja na América Latina. Seus textos seguem sempre uma linha perfeitamente congruente com a da política externa praticada pelo Departamento de Estado.

No dia da entrevista, Rother parece que se desinteressou da pauta nos minutos iniciais, fechou o caderninho e cruzou os braços. Disse que havia entrevistado uma ONG na zona sul de São Paulo e que ela havia falado muito mal do projeto do Ministério da Cultura, dizendo que a verba é pouca e parcelada. Eu respondi: “Isso é para eles que devem ser dessas ONGs feitas pra lavar dinheiro internacional.” Ele replicou: “Eles têm um orçamento anual de um milhão e meio.” E eu, na tréplica: “Para nós, que sempre produzimos cultura nas periferias sem um real no bolso, o ponto de cultura potencializa muito nosso trabalho.”

Rother acompanhou nesse dia o lançamento do livro *Hip-Hop a Lápis* na UNESP de Rio Claro, junto com os parceiros Oráculo, Aliado G e Marcelo Buraco. O jornalista participou também do debate sobre violência que organizei no Espaço Cultural CPFL, com o Rapper GOG e o baterista Marcelo Yuka.

No final da atividade, percebendo que a ausência de fato “pitoresco” daria margem para a possibilidade de Rother publicar qualquer coisa, peguei o microfone para deixar registrada minha versão. Anunciei a presença do jornalista e disse que, para nós da periferia, ser pauta do maior jornal do planeta era um grande fato. Lembrei que o tema do debate era a violência e que não se pode esquecer do “crime da caneta”, praticado com uma arma que pode causar ou evitar guerras.

Então disse a ele: “Você, Larry Rother, é uma das pessoas que mais pode nos ajudar a evitar muita violência, pois tem o poder

da caneta. Diga para o presidente de seu país que o Brasil criou uma fonte de energia renovável chamada HBio e hoje não é mais preciso invadir um país e matar pelo petróleo. Diga para seu presidente que ele, antes de falar em reconstruir o Iraque, devia reconstruir a cidade de New Orleans, que há um ano foi devastada pelo furacão Katrina. Diga para ele que se os EUA invadirem Cuba ou outro país da América Latina irá acontecer a maior guerra que já se ouviu falar. Porque as periferias, desde o sul da América do Sul até o México, irão invadir os EUA.”

A matéria no *New York Times*, como esperado, não foi publicada. Mas esses episódios deixaram várias lições. Por exemplo: se os meios de comunicação são tão importantes, está na hora de criarmos os nossos. Aí eles precisarão de muitos mais Carlos Lacerdas do que já estão precisando hoje.

Como alertou o senador Jorge Bornhausen, é preciso fazer algo para “a gente se ver livre desta **raça**” (sic) por, pelo menos, 30 anos”. O termo raça utilizado pelo senador pode ser traduzido como *classe*, ou como o que chamo aqui de *periferia*. Considero periferia os movimentos populares, os partidos revolucionários, a cultura de protesto, os setores mais avançados...

A reeleição de Lula não é apenas a vitória de seu governo. É também a vitória de idéias historicamente defendidas pelos movimentos sociais. Idéias que apanharam muito na década de 90, como as de fortalecimento do Estado, ampliação da democracia e dos direitos sociais, reforço da soberania nacional, etc.

Pode parecer que a periferia é muito ousada... Mas só queremos o que é nosso por direito! ●

*TONI C. é membro da Direção Nacional da Nação Hip-Hop Brasil e organizador do livro *Hip-Hop a Lápis*, editado pelo Centro de Estudos e Memória da Juventude (CEMJ).

Diga para seu presidente que ele, antes de falar em reconstruir o Iraque, devia reconstruir a cidade de New Orleans, que há um ano foi devastada pelo furacão Katrina. Diga para ele que se os EUA invadirem Cuba ou outro país da América Latina irá acontecer a maior guerra que já se ouviu falar. Porque as periferias, desde o sul da América do Sul até o México, irão invadir os EUA.